



“O que nós queremos que nossas raparigas sejam”: o boletim da Mocidade Portuguesa Feminina (1939-1947)

“What do we want our girls to be”: the newsletter of Portuguese Feminine
Youth (1939-1947)

Walter Valdevino do Amaral ¹

RESUMO

Nesse trabalho analisaremos a revista *Mocidade Portuguesa Feminina: boletim mensal*, que circulou em Portugal entre os anos de 1939 a 1947, período marcado pelo salazarismo. Assim, discutiremos as características desse periódico, o modelo de mulher por ele propagado e o papel social que as filiadas da Mocidade Portuguesa Feminina deveriam desempenhar.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Religião. Imprensa. Portugal.

ABSTRACT

In this paper we will analyze the magazine called *Mocidade Portuguesa Feminina: boletim mensal*, which circulated in Portugal between the years of 1939 and 1947, a period marked by Salazarism. Thus, we will discuss the characteristics of this journal, which model of women it propagated and the social role that affiliates of the Portuguese Feminine Youth should play.

KEYWORDS: Gender. Religion. Press. Portugal.

* * *

Introdução

Escrever a história através dos periódicos sempre foi um desafio para os historiadores. O uso de jornais e revistas se tornou frequente ao longo do século XX. Com o aumento exponencial da indústria cultural e do crescimento das revistas ilustradas esses documentos se tornaram importantes e foram sendo valorizados ao longo das décadas. Sua relevância para a vida cotidiana está nos elementos informativos, propagadores de ideologias políticas, estando conectados a inúmeros projetos de sociedade. Mesmo com a renovação inicial proposta pelos *Annales*, não foi imediata a

¹ Doutor em História pela Universidade Federal de Uberlândia. Professor do Curso de História da Universidade Católica de Pernambuco. Coordenador do Cactos – Núcleo Unicap de Estudos de Gênero. E-mail: walterdoc@gmail.com.

aceitação dos periódicos e revistas como documentação central no fazer historiográfico.

Os *mass media* se tornaram, devido a sua importância, algo incontornável, em muitos momentos e, muitas vezes, colaboraram na complementação da documentação, quando há lacunas ou como tem sido mais frequente, como documento central nas nossas análises. Dessa maneira, lendo a história através desses documentos, podemos compreender os interesses de grupos, como a Mocidade Portuguesa Feminina, tendo em vista que as revistas são uma espécie de documento oficial dessas instituições e que, através de sua análise, podemos entender parte do discurso do grupo e sobre o grupo.

O periódico *Mocidade Feminina Portuguesa: boletim mensal*, documento central de nossa análise, emerge como importante instrumento de divulgação do projeto sociopolítico português durante o salazarismo, principalmente no tocante ao papel de centralidade do sexo feminino dentro da sociedade e da importância da religião na construção de um ideal para as jovens portuguesas.

Assim, compreendemos essa revista como um dispositivo de controle do corpo, mas não só isso, elementos de incentivo à manutenção ou à criação de uma figura de feminilidade adequada a dois projetos bem distintos (Estado e Igreja Católica), mas que em muitos momentos se assemelham. Portanto, acreditamos que, em Portugal, as relações entre a construção de ideal de mulher pelo Estado Novo inserido nas dinâmicas daquele momento, quando, junto à política, a religião exerceu papel importante na construção das sensibilidades femininas e na criação de espaços de atuação para as mulheres, a exemplos das moças que faziam parte da Mocidade Portuguesa Feminina.

No dia 08 de dezembro de 1937, foi publicado no *Diário do Governo*, na seção Ministério da Educação Nacional, o decreto n.º 28.262, pelo qual seria criada a Mocidade Feminina Portuguesa, ligada ao Estado, que tinha como finalidade cultivar “nas filiadas a previdência, o trabalho coletivo, o

gosto da vida doméstica e as várias formas de espírito social próprias do sexo, orientando para o cabal desempenho da missão da mulher na família, no meio a que pertence e na vida do Estado” (PORTUGAL, 1937).

Dois anos depois, em maio de 1939, começou a circular a revista *Mocidade Feminina Portuguesa: boletim mensal*, que serviu como dispositivo de informação e normalização das moças portuguesas dentro do ideário do Estado Novo, atrelada à tradição católica, tão fortemente arraigada na sociedade portuguesa. A ideia era dar um espaço de atuação para a mulher dentro do Estado português, mas um espaço vigiado, em limites postos pela hierarquia interna e externa, dentro das tradições escolhidas. Uma mulher que ia ao espaço público, mas que estava ligada, inalteradamente, aos espaços domésticos.

O boletim da Mocidade Portuguesa Feminina

O periódico *Mocidade Feminina Portuguesa: boletim mensal* começou a ser publicado em 13 de maio de 1939, meses antes de eclodir a II Guerra Mundial, em um contexto político já explicado anteriormente, complexo, que colocava várias forças políticas conservadoras e progressistas em estado de tensão e, no caso de Portugal, temos o domínio da ditadura do Estado Novo comandada por António de Oliveira Salazar, que toma o poder no começo da década de 1930, depois das tensões ocorridas durante os conflitos no pós-proclamação da República em 1910.

Temos, a partir de então, a publicação que está inserida dentro do projeto de sociedade que emerge em um governo autoritário e que busca controlar ou pelos menos esquadriñar cada aspecto da sociedade portuguesa, similarmente ao que ocorria na vizinha Espanha, dominada após a Guerra Civil de 1936-1939, por grupos conservadores, e Alemanha e Itália, que eram os maiores exemplos de sociedades fechadas, onde o Estado, controlado pela extrema-direita, almejava criar um novo tipo de indivíduo e de sociedade. Assim, certamente que o projeto salazarista não se encontrava

desligado da realidade política e do ideário que rondava a maior parte dos países europeus nos anos imediatamente anteriores ao grande conflito.

O boletim mensal estava sob a direção, administração, propriedade e redação do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina. A equipe editorial do periódico era composta por mulheres e seus artigos elaborados pelas filiadas. Sendo impresso pela Neogravura, situada em Lisboa, tendo a sua distribuição para todas as regiões de Portugal. As capas apresentam-se sempre com o símbolo da associação do lado esquerdo, e uma fotografia de página inteira ou enquadrada. Profusamente ilustrada, a maioria de suas fotografias vinha em cor sépia ou colorida em gradações cromáticas em castanho e verde (as cores da Mocidade Portuguesa Feminina). Cada exemplar é constituído por 16 páginas, com exceção para os números “especiais” que continham 24. Geralmente as suas páginas eram impressas a três colunas, mas por causa das suas inúmeras ilustrações, a forma dos textos sofriam variações e, muitas vezes, a impressão fazia-se a duas colunas ou mesmo a uma só.

A capa do primeiro número vem com uma imagem da rainha Dona Leonor, considerada padroeira da Mocidade Portuguesa Feminina, sendo aí interessante adicionar o entrelaçamento entre a fé e o Estado Português, tendo em vista que ancorar na figura da rainha a Mocidade Portuguesa Feminina tem uma série de significados. “Princesa perfeita”, considerada um exemplo de misericórdia e demais virtudes cristãs, foi casada com D. João II, o “príncipe perfeito”, seu primo, sendo o casal exemplo de virtude e de fé. Reinaram no início do apogeu dos Descobrimentos portugueses, tendo sido a Rainha uma das mais ricas mulheres da Europa à época. Quando viúva, recebeu o epíteto de Rainha Velha e foi viver no Paço de Xabregas e em sua homenagem foram construídos hospitais e asilos.

Sintomática escolha de tal mulher como padroeira da Mocidade, pois o conservadorismo sempre viu na monarquia um exemplo para uma sociedade estável e, no caso do grupo, o protótipo de mãe e mulher nos bastidores, com gestos comedidos e com grande obra de caridade. Isto é, uma rainha, mas

também uma dona do lar. Eis um grande exemplo para as filiadas. A bandeira que aparece na página posterior é a da Mocidade Feminina Portuguesa, que lembra o Escudo da Casa reinante em Portugal no período histórico português entre 1385 e 1485.

No texto de abertura da primeira edição, intitulado *Ao começar*, temos a saudação do então Ministro da Educação, Carneiro Pacheco, à Mocidade, na qual ele diz: “Vos idealizamos puras como a neve, sadias como as papoilas do campo, alegres como um raio de sol” (MPF, 05/1939, p. 02), aqui em poucas linhas ficam explícitos alguns dos objetivos a serem alcançados em relação às filiadas e ficam expostas as metodologias para atingir tais metas, pois, através

dos programas dos cursos, em que unhamos ambições de vida completa e perfeita [...] [e que] vos preparassem para a vossa futura missão de mais, esposas e donas de casa. [...] Sobre ela está a missão de Deus e da Igreja – e a benção de amor de todos os bons portugueses (Ibid., p. 02).

Assim, o sagrado e o terreno dão base para a Mocidade Portuguesa Feminina. Elas têm apoio tanto do Estado, quanto da Igreja. Os bons portugueses, pois se supunha que haja os maus, dão seu apoio à causa da agremiação. O fato de o boletim ter sido lançado em 13 de maio não é algo aleatório, mas ligado a uma data especial para o catolicismo português, sendo o dia em que se celebra Nossa Senhora de Fátima, entendida erradamente no artigo como padroeira do país, como fica explícito na matéria *Avé Mãe celestial! Avé canta Portugal*: “As filiadas da Mocidade não seriam boas portuguesas se não amassem a Padroeira de Portugal” (Ibid., p. 04). Na verdade, a padroeira é Nossa Senhora da Conceição.



Capa e contracapa da primeira edição do boletim da MPF de maio de 1939.

Mais a diante, a matéria afirma que: “A história das nações é escrita pelos homens, mas vem do céu a inspiração e a graça que ajudam a realizar e tornar grandes os feitos desses homens!” (Ibid., p. 04). Aqui fica nítida a influência do modelo de vida da Igreja sob as pessoas, certamente que a palavra homem aí é utilizada para designar todo gênero humano, no entanto, pode-se ler de outra maneira. Maria, enquanto exemplo de mulher, mãe de Cristo e na sua versão de Fátima, padroeira de toda uma nação, através do culto de suas seguidoras, poderia iluminar as portuguesas e, a partir de sua atuação na Mocidade, iluminar toda uma nação.

A diagramação da revista é de excelente qualidade, com folhas decoadas e ampla utilização de imagens. As edições não costumavam ter um grande número de páginas e o nome “boletim”, que significa um informativo, para divulgação interna ou pública, encontra eco nas informações sobre as atividades da Mocidade. Essas eram sobre retiros nas praias, oficinas para as graduadas, atividades em asilos e orfanatos, visitas ou celebrações de políticos e clérigos.

Ainda sobre revistas, de acordo com Tânia Regina de Luca, na análise dos impressos, sejam eles revistas ou jornais, é importante atentar para a materialidade deles, ou seja, como se constituem fisicamente, quais tipos de papel foram usados, qual o tipo da impressão, abordar o *layout*, imagens,

cores ou falta dela. Assim, pode-se descrever o documento não apenas em seu conteúdo, mas levando em consideração a técnica que permitiu com que ele emergisse. Assim,

é importante estar alerta para os aspectos que envolvem a materialidade dos impressos e seus suportes, que nada têm de natural. [...] Historicizar a fonte requer ter em conta [...] as condições técnicas de produção vigentes e a averiguação, dentre tudo que se dispunha, do que foi escolhido e porquê LUCA, in: PINSKY, 2015, p. 132.

No entanto, podemos apontar que a publicação está mais adequada a um formato de revista, como apontado por Tania Regina de Luca, contando com seções permanentes ao longo do período analisado e sendo, para além de apenas instrumento de divulgação das atividades, também um dispositivo de criação de um ideal de filiada e de mulher. Uma vez que, a mesma,

através de uma série de práticas e de discursos, de saberes e de exercícios, à criação de corpos dóceis, mas livres que assumem a sua identidade e sua “liberdade” de sujeitos no processo do seu assujeitamento. Isso é, o dispositivo é, antes de tudo, uma máquina que produz subjetivizações (AGAMBEM, 2009, p. 46).

Nessa primeira edição, por exemplo, vemos presentes seções que aparecerão ao longo da história da publicação, como a “Página das Lusitas”, dedicada às crianças, tendo em vista que “lusita” era o nome utilizado para designar as iniciadas na Mocidade. “Lusita” ao mesmo tempo pode significar luz pequena e pequena portuguesa (lusitana), uma dualidade que está presente em muitos aspectos da revista. Ser boletim informativo e dispositivo de normalização, ser ligada à política e à religião, ser dona de casa e uma boa cidadã, ser do espaço privado e do espaço público, mas tudo isso dentro dos limites dados pelo Estado Novo e pela Igreja. Além da

supracitada seção, temos uma sobre trabalhos manuais, incentivando as filiadas a serem boas donas de casa e a página final de cartas, que tinha como finalidade propagar a opinião dessas aos eventos e aos interesses da Mocidade Portuguesa Feminina.

Na segunda página de cada edição, que muitas vezes não vêm com data, temos a ficha técnica do boletim, em que aparece inicialmente, em destaque, a ligação da publicação com a Obra das Mães pela Educação (OMEN) e do periódico com o Comissariado Nacional da Mocidade Feminina Portuguesa; local onde era impresso, na Gráfica Neogravura, em Lisboa, o preço da edição (12 escudos portugueses) e o nome da editora, Maria Joana Mendes Leal², autora de inúmeros textos com seu nome e sob o pseudônimo Coccinelle. Outro nome que aparece constantemente na publicação, além desses, é o de Maria Guardiola³.

As capas⁴ das edições têm o símbolo da Mocidade Portuguesa Feminina à esquerda com uma foto grande, geralmente de uma moça ou mulher do presente ou do passado português. As mulheres do presente representadas são, logicamente, aquelas da Mocidade Portuguesa Feminina. São fotografadas em atividades ligadas à Mocidade, como as dos números 04 e 05 (referentes aos meses de agosto e setembro de 1939), com lusitas na praia, ou ao que se consideram atividades dignas de mulher, como berços,

² Foi proeminente escritora católica, com ativa vida em periódicos e revistas ligadas a Igreja Católica em Portugal. Além de deputada nas Legislaturas III, IV, V e VI, entre 1942 e 1957, em que atuou nas áreas de interesses espirituais e morais. Especificamente na proteção social, na área da cultura em relação ao cinema português e na criação de um fundo para o teatro. Presidiu a Liga Independente Católica Feminina; trouxe para Portugal a Congregação das Filhas do Coração de Maria; presidiu a Comissão de Ação Cultural e Propaganda da Cruz Vermelha Católica; e foi membro do Conselho Internacional da União Internacional de Proteção à Moralidade Pública. Além desses cargos, foi Vogal da direção da Obra das Mães para a Educação Nacional; diretora dos serviços de propaganda da Mocidade Portuguesa Feminina, fez parte da Junta Nacional de Educação, foi procuradora junto a Câmara Corporativa designada por várias entidades de assistência.

³ Foi deputada e educadora de vários Liceu em Portugal; comissária nacional da Mocidade Feminina Portuguesa; vice-presidente da Obra das Mulheres pela Educação Nacional e vice-presidente da 3ª Seção da Junta de Educação Nacional. Além disso, foi deputada nas legislaturas I, II, III e V, entre 1938 e 1945, voltando entre 1949 e 1953.

⁴ Algumas das capas têm imagens de autoria de artistas conceituados nas fotografias: Mário Novais (1899-1989), nas capas de n.º 1 e 49; Fernando M. (Martinez) Pozal (1899-1971), nas capas n. 34 e 38; SanPayo (Manuel Alves) (1890-?), nas capas n. 33, 37, 53, 56 e a n.º 61 em desenho; A. (Anne - Marie) Cazalis (1920-1988), na capa n.º 35; Manuel de Oliveira (1908-), nas capas n. 40 e 45, e Erno Vadas (1899-1962), vencedor do World Press Photo de 1934, na capa n.º 48. Não sabemos informar se foram pagos direitos autorais ou se a Mocidade Portuguesa Feminina usou sem o consentimento dos autores.

bebês e atividades manuais (edições 10, 33 e 46, lançadas em fevereiro de 1940, janeiro de 1942 e fevereiro de 1943). Nas capas, também aparecem paisagens portuguesas como podemos identificar nas edições 15, 16 e 74, por exemplo, que foram respectivamente publicadas em julho de 1940, agosto de 1940 e junho de 1945. Exemplos de mulheres católicas e da monarquia também são lembrados nas capas como Felipa de Lencastre presente no número 09, de janeiro de 1940, e a Virgem Maria nas edições 37 e 68, publicadas em maio de 1942 e em dezembro de 1944.

Chama a atenção também a imagem de meninas, em vários momentos de sua infância. Uma marca das capas é mostrar as mulheres em movimento, sorridentes, em atividades ou enaltecendo Portugal, com bandeiras içadas como vemos nas capas dos números 04, 14, 25, 54, 62 e 73, publicados respectivamente em agosto de 1939, junho de 1940, maio de 1941, outubro de 1943, junho de 1944 e maio de 1945.

Graficamente, a publicação é de boa qualidade de impressão, com profusão e imagens e utilização majoritária de cores ligadas à Mocidade Portuguesa Feminina em suas capas, com tonalidades verdes e marrons, em sua maioria, cores da Mocidade. Além disso, na divisão interna, há grande uso de títulos em destaque com fontes chamativas e uso de duas ou três colunas na organização do texto. De um modo geral o *layout* da publicação é muito bem realizado.

Características “desejáveis” para uma filiada da Mocidade Feminina Portuguesa e o papel social da mulher

No número 3, de julho de 1939, encontramos o artigo *Falange Espanhola Feminina*, assinado por Maria Joana Mendes Leal, o qual acompanha uma imagem de Pilar Primo de Rivera, chefe nacional do grupo. Ao longo do texto é enaltecido o papel das moças ligadas à falange durante a Guerra Civil Espanhola e o modo como elas ajudaram as forças armadas nacionalistas no conflito. São frisadas suas atividades de enviar “mimos” aos

soldados, como doces, licores e bolos, o cuidado que tiveram com os órfãos do conflito, a sua atuação costurando as roupas dos soldados, pois:

se os combatentes tiveram fardas [...] foi porque muitas mulheres e raparigas da Falange não largaram a agulha durante todo o tempo da guerra. [...] Pilar Primo de Rivera disse no seu discurso em Medina del-Campo que, chegada a hora da paz, a mulher e a rapariga da Falange voltam ao lar”(MPF, 06/1939, p. 07).

É frisado no texto que “o programa da Falange Espanhola é idêntico ao da Mocidade Feminina Portuguesa: ‘a reconquista do lar e a formação dos filhos e das mulheres espanholas’”, como disse o General Franco, no mesmo evento em que Pilar Primo de Rivera fez seu discurso sobre a Falange Espanhola Feminina.

Ensino doméstico e puericultura, princípios de ordem e economia, cultura artística e educação física, formação moral e religiosa, tudo tem como fim na “Mocidade” preparar boas mães, boas esposas e boas donas de casa, e, se as nossas raparigas ficarem solteiras, mulheres sãs e úteis, com caráter e com ideal (Ibid., p. 07).

Esse modelo ideal está presente em cada número do boletim e, em edições do ano de 1941, a seção *O que nós queremos que as nossas raparigas sejam*⁵, assinada por Hilda R. N. d’Almeida Côrrea de Barros, aparece ao longo de seis números, a qual demonstra as virtudes necessárias a uma moça pertencente à Mocidade Feminina Portuguesa.

⁵ Note-se que a edição saiu no mês de maio de 1941, o mês dedicado a Maria. Na página anterior a primeira matéria sobre as virtudes das moças da Mocidade Portuguesa Feminina, há um texto sobre essas festividades, com uma imagem de Maria com o menino Jesus dormindo em seu colo e a mesma olhando para os céus. No texto conta-se brevemente sobre as mudanças que ocorreram na Igreja Católica ainda em Roma, quando nos altares pagãos foram sendo colocado Jesus, Maria e os santos no lugar dos deuses antigos e começaram as celebrações cristãs. O texto salienta ainda que: “a Mocidade, que quer viver um ideal – não existe ideal sem brancura – no mês de Maio se acostume a olhar para Aquela que é como a neve das alturas” (MPF, 05/1941, p. 7).

A primeira das matérias aparece no número 25, de maio de 1941, na qual a virtude enfatizada é que as moças sejam “verdadeiras até a medula”. Ou seja, devem ser um exemplo vivo das virtudes desejadas pela Mocidade. Nessa matéria, texto e fotos coadunam-se com o ideário, aparecem moças prestando continência à bandeira de Portugal, seguidas de uma filiada mais velha ensinando as “lusitas” e uma graduada ao lado de seu esposo e do padre que celebrou seu casamento e a seguinte legenda “exemplo de rapariga verdadeira de que o vestido de noiva é realmente o símbolo do que lhe vai na alma” (MPF, 05/1941, p. 8). Pois, “A Mocidade Portuguesa Feminina não tem só por fim uniformizar as raparigas e ensiná-las a vestir o uniforme com apuro e correção. [...] Quer que, por trás disso tudo, seja uma realidade” (Ibid., p. 8), assim, foca-se na construção do seu modo de ser, lembrado a todas as filiadas das qualidades e de um modelo ideal que deve ser procurado todos os dias e vivido com verdade por todas. Assim, a Mocidade Portuguesa Feminina, em um trabalho contínuo de construção, lembra às moças que elas são herdeiras “de uma tradição de oito séculos” (Ibid., p. 8) e que isso lhe dá uma herança a respeitar. Tem um dever com a pátria. Por conta disso, devem servir de exemplos às futuras gerações como modelos de mulher, pois em uma das imagens aparece uma filiada ensinando as pequenas e o texto corrobora dizendo que:

vemos um grupo de pequeninas absorvidas nas palavras de uma sua companheira mais velha. Isso não exige da parte da mais velha o maior respeito pela candura dessas crianças prontas a acreditar nas palavras que ela lhe disser e às quais ela deve a verdade dita de forma que elas possam compreender? (Ibid., p. 8).

As moças devem ser “verdadeiras [pois] [...] quando tudo depender de vocês, a vossa ação como mulheres incapazes de mentir será tão larga que nem vocês mesmas, hoje, podem compreender” (Ibid., p. 8). Elas têm um

papel a cumprir e uma tradição a zelar e a passar adiante através de seus exemplos de vida.

Ainda nessa edição de número 25, de maio de 1941, outra característica importante a ser buscada pelas jovens da Mocidade Portuguesa Feminina é a amabilidade, porque “Se todos devem ser amáveis, muito mais o deve ser uma mulher – porque a amabilidade até faz parte da graça feminina” (Ibid., p. 9), seria um traço natural do sexo feminino, pois “não se compreende uma mulher que não seja amável” (Ibid., p. 9). A amabilidade é um traço também que ajudaria a mulher a ensinar a acolher as lusitas, as mais novas e ser para elas “um refúgio, sempre pronto, de ternura, de ensinamento – ensinamento que, quando é preciso, também saber ser dado com firmeza” (Ibid., p. 9).

Na edição 27, de julho de 1941, o traço endossado é a “sanidade”, no caso, do corpo. Aqui fica nítida a preocupação não apenas com as atividades mentais, mas sendo um traço da revista um equilíbrio entre corpo e mente, incentivando as mulheres a fazerem atividades físicas. Como pode ser percebidos em vários números com matérias sobre os retiros da Mocidade Portuguesa Feminina, marchas e atividades de cunho cívico que colocam essas mulheres em movimento.

Nessa matéria específica, vemos fotos de filiadas da Mocidade em jogos ao ar livre, caminhando altivas em estradas e nos campos. Certamente que a preocupação com corpo não seria à toa. “E vemos, então, nessa rapariga, a futura mãe de filhosãos – braços fortes que se não cansam facilmente” (MPF, 07/1941, p. 07), futuras esposas e mães deveriam ser saudáveis, pois “para as próprias qualidades morais, a saúde física tem muita importância”. E continua: “A saúde é o equilíbrio do nosso organismo e esse equilíbrio só o podemos conseguir com uma vida natural” (Ibid., p. 07). Aqui é incentivada a saída ao público com a finalidade de praticar exercícios, ver a luz, a água pura e a natureza. Além da boa alimentação e ter hábitos como o de acordar e levantar cedo, pois esses atos “valem mais do que remédios” (Ibid., p. 07).

Vemos o incentivo a que essas moças fossem mulheres em constante movimento, mas um movimento controlado e sem excessos “precisamos de ar, de luz, de espaço e de movimento. Andar, correr, nadar, todos os exercícios são úteis e necessários. Os jogos, também, desde que sejam feitos naturalmente e se compreende o espírito em que devem ser encarados” (Ibid., p. 08). Jogar, mas sem exageros, sem o espírito da competição ou do excesso que possa incentivar vaidade, inveja ou despeito, como frisado pela autora do texto ao seu final.

A matéria seguinte neste número, intitulada *Na praia*, assinada por Maria Luisa, complementa a ideia da anterior, trata-se de férias à beira-mar. Evitar excessos, planejar, não perder tempo. Essas mulheres são incentivadas, inclusive em seus períodos de férias.

Para que seu rendimento seja máximo, estudai bem o modo como haveis de aproveitar o passeio maravilhoso aonde ireis, não em busca só de prazeres, mas especialmente para obter um acréscimo de saúde física, sem que entretanto, pelo vosso porte, pelo vosso traje ou atividade nele comprometa, mesmo que de leve a vossa saúde moral (Ibid., p. 09).

Devem evitar eventos que as façam perder tempo, trocar praia pela piscina, realizar passeios “rallyes” a chás que podem roubar o seu tempo e não devem usar vestuário excessivo, ou seja, cair nos encantos da moda. Na matéria há uma foto com três jovens sentadas à beira-mar vestidas como, possivelmente, a Mocidade Portuguesa Feminina pensava ser mais adequado.

No número 28, de agosto de 1941, a virtude é “ser jovem a vida toda”. nela, encontramos a ideia de que: “Ser novo, é ser entusiasta, é ser bom, é ser puro, é ser forte. Ser novo é empenharmo-nos sinceramente em tudo quanto fazemos” (MPF, 08/1941, p. 6), além disso, não seria uma questão de idade biológica, “porque vocês podem e devem ser novas, mesmo de cabelos brancos” (Ibid., p. 6).

Na edição seguinte, a característica focada é a “elegância, o cuidado na vestimenta”. O conceito presente nesta edição do boletim é percebido da seguinte forma: “saber ser elegante faz parte da educação das raparigas e que é de desejar que as filiadas da Mocidade Portuguesa Feminina marquem em toda a parte tanto pela sua elegância como pelo seu aprumo” (MPF, 09/1941, p. 5). O vestuário não pode desviar a atenção sobre a moça, deve ser comedido, adequado aos interesses do papel de mulher criado para elas, pois, “para ser verdadeiramente elegante é preciso ser-se alguém – o que mostra que o aprumo moral da pessoa é importantíssimo até para isto” (Ibid., p. 5). O vestuário não pode estar amassado ou ser excessivo, muito rebuscado, pois a preocupação com a moda não é uma boa característica. A filiada deve “estar bem [...] tanto em família como em público” (Ibid., p. 5).

Continuando a série de matérias sobre as características desejáveis a uma filiada da Mocidade Portuguesa Feminina, na edição 30, de outubro de 1941, a sexta virtude deve ser a de conseguirem ser moças ativas. Esse interesse é marcado pelas imagens que estampam a matéria, mostrando jovens nos acampamentos da Mocidade fazendo atividades, ainda ligadas a trabalhos domésticos, ao ar livre como cozinhar, arrumar uma mesa ou servir as outras, além de buscar água numa fonte.

Ser ativa não significa fazer tudo a todo tempo, mas comedido, buscar executar tarefas que seriam proveitosas para si ou para seu grupo. Novamente no texto a ideia do planejamento minucioso de todos os aspectos da vida é frisado, no número seguinte. “Não queremos que vocês sejam inquietas de espírito, isto é: que não possam estar um momento, sem fazer alguma coisa” (MPF, 10/1941, p. 9), o tempo deve estar ocupado com elementos proveitosos. As ações, nessa visão, são meios, não fins. Assim, o interesse da Mocidade Portuguesa Feminina é:

O que nos queremos, quanto à atividade, é que cada uma de vocês pense bem no papel que lhe cabe pelo meio em que vive, pelas qualidades e habilitações que possui, pelos recursos de que dispõe – e que tudo quanto seja de sua

competência fazer, o faça generosamente, com entusiasmo, com cuidado, com desinteresse (Ibid., p. 10).

A atividade é uma forma de movimentar o corpo, sanar os males, é um momento de aprendizado e de busca pelo equilíbrio mental e corporal. As filiadas deveriam sempre cumprir seu papel quando chamadas, sendo “ativas, calmas, decididas, ponderadas e incansáveis” (Ibid., p. 10).

No mesmo número, páginas antes, temos um texto da diretora do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina, Maria Joana Mendes Leal, intitulado *Reabertura dos centros da MPF*, algo que ocorre após o retorno às escolas, quando “as aulas de moral e as folhas de formação nacionalista irão lembrar-vos os vossos deveres de cristãs e portuguesas” (Ibid., p. 05).

Aqui são elencadas atividades realizadas nesses locais como aulas de canto coral, ginástica, economia doméstica, puericultura, aulas de higiene, primeiros socorros e trabalhos manuais. Todos esses ensinamentos seriam práticos na vida de uma filiada, que as subsidiaria com elementos para exercer bem o seu papel de cidadãs portuguesas, esposas e mães, além de boas católicas. As temáticas elencadas pela diretora no seu texto aparecem ao longo da existência do boletim, em vários formatos, sejam de seções duradoras como a “Trabalhos Manuais” ou seções descontinuadas, como a que analisados nesse tópico, onde são elencadas características desejáveis a uma moça da Mocidade Portuguesa Feminina.

Por fim, essa seção aparece no número 31, de novembro de 1941, com a característica final, “ser boa”, fechando o ciclo da série de matérias. Assim, essa virtude aparece como um elemento que completa o tipo ideal de mulher, pois “é preciso que vocês sejam verdadeiras, amáveis, sãs, novas, elegantes e ativas” (MPF, 11/1941, p. 7), sendo tudo isso, a bondade é uma consequência. A autora relembra as características anteriores e admoesta as filiadas a continuar a obra, a exercitar essas características.

Portanto, a partir do cumprimento das observações feitas em *O que queremos de nossas raparigas*, os seus corpos estariam disciplinados, através de regras contidas nessa seção conforme os interesses extraordinários, que fogem dos interesses individuais. A disciplina emergiria, assim, com essa dupla funcionalidade, ao mesmo tempo em que admoesta e ensina. Pois com isso, a disciplina ajuda na “constituição de ‘quadros vivos’ que transformam as multidões confusas, inúteis ou perigosas em multiplicidades organizadas”⁶.

Para poder existir a internalização das regras e do tipo específico de mulher, o boletim e outras instâncias usadas pelo poder do Estado e da Igreja Católica, entrelaçados, relembram às associadas, a todo momento, seu lugar na sociedade. Através de modelos e de imagens associadas a elas, a figura de mãe, mulher do lar, que sabe o seu lugar, como fica patente neste e em outros números do boletim. Assim, dentro da estrutura simbólica na qual estão inseridas, as moças da Mocidade Portuguesa Feminina iriam, pouco a pouco, introjetando em si as características de uma boa esposa e cidadã, sabendo das condições e limitações deste papel. Como podemos observar na imagem abaixo.



⁶ Ibid., p. 126.

Outro aspecto importante no mundo das filiadas da Mocidade Portuguesa Feminina eram os cursos para graduadas. Na edição 12, de abril de 1940, temos uma matéria *Curso de graduadas*, assinada por Maria Arminda Grilo Aidos⁷, amplamente ilustrada com fotos, emoldurando o texto, sobre a primeira aula do curso⁸ de graduadas da Mocidade Portuguesa Feminina no que no Brasil chamamos de creche. Na qual elas aprendem parte do ideário da organização, no caso a puericultura, com atividades como: trocar fraldas; dar banho e cuidar do asseio dos pequenos; preparar a alimentação; e os ensinar as boas normas ao comer. Assim, em uma obra de caridade construída pelo Estado Novo, no Porto, “que serve para tirar as crianças pobres dos maus tratos das pessoas a quem ficam entregues, enquanto as mães vão para o trabalho” (MPF, 04/1940, p. 5). O texto entrelaça a formação das moças, em atividades maternais e ainda exalta a obra realizada pelo governo salazarista.

No número 15, de julho de 1940, há outra matéria, essa sem texto, apenas com fotos, na qual vemos atividades executadas pelas graduandas de modo mais amplo. As jovens nas aulas de ensino doméstico e puericultura aprendem a cozinhar, servir, lavar pratos, além de cuidar de bebês. As fotos teriam origem nos vários cursos ao redor do país e demonstram na prática o ideário formativo da Mocidade Portuguesa Feminina.

Na edição de número 13, publicada em maio de 1940, comemorativa de um ano de aniversário do periódico, temos a matéria *Cursos de graduadas*, assinada por Maria Joana Mendes de Leal, sobre os tipos de cursos que eram oferecidos nos Centros da Mocidade Portuguesa Feminina. A lista coaduna com o Regulamento e com os interesses da Mocidade e do

⁷ Foi integrante da Mocidade Portuguesa Feminina, na província do Douro Litoral, da qual fazia parte de sua liderança, sendo Chefe de Castelo. Colaborou com o boletim mensal, publicando alguns textos.

⁸ Como mostrado por Irene Pimentel, os Cursos da MPF eram organizados por “Maria Guardiola que dirigia também os serviços culturais e de formação nacionalista até 1942” [...], por Maria Luísa Vanzeller como “responsável pelos serviços de educação física, saúde e higiene até 1940 [...]”, e o Padre Gustavo de Almeida (1903-1965) à frente dos serviços de formação moral e nacionalista até à sua morte” (PIMENTEL, 2007, p. 18).

Estado. Os cursos de graduadas “pretendem dar às filiadas que passam a ter responsabilidades de dirigentes, uma formação mais aperfeiçoada” (MPF, 05/1940, p. 6). As suas áreas eram:

Formação moral e religiosa, dentro deste tema lindo: Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida [...]. Formação nacionalista para que cada portuguesa tenha a devoção da Pátria e se integre no plano de restauração nacional que se está realizando [...]. Cultura física, jogos e desportos e a parte de comando e disciplinas necessárias para o desempenho das funções especiais de Graduadas; [...] Canto Coral, com o carácter educativo, regionalista e patriótico [...] Higiene, para utilidade das próprias filiadas e para o bem social [...] Puericultura, esse complemento social de toda a educação feminina: - [...] Ensino doméstico - culinária, arranjo de casa (Ibid., p. 6).

Na edição 18, de outubro de 194, temos a descrição de um centro da Mocidade Portuguesa Feminina, apresentada no texto *Uma filiada do Centro n. 2 de Lisboa. Um centro da M.P.F.*, a qual ficava em Lisboa; a partir das suas regras internas e formas de organização do trabalho das filiadas por idade, tendo, “num ambiente claro, alegre, de janelas rasgadas para a luz, sob o olhar protetor da virgem, grandes e pequenas, ajudando-se mutuamente, caminham sem desfalecimento com um sorriso [...] para o mesmo ideal”. E continua, “[...] As mais pequenas [lusitas] ajudam as mais velhas nos trabalhos de secretaria” (MPF, 10/1940, p. 3). Fica nítido no texto, dentro da lógica de um Estado Corporativista como o salazarista, a organização rígida e a hierarquia aceita naturalmente, onde as mais inexperientes e com menos poder, por isso, são guiadas pelas mais velhas e experientes nas atividades, o mundo de fora, organizado sob a tutela do Estado, adentra os centros e em cada aspecto da vida, assim, naturalizava-se a diferença.

Fora dos centros e na vida do dia a dia, as mulheres assistem aos homens desfilarem, como se percebe no artigo *Recordando o passado*, da

autoria de Maria Joana Mendes Leal, no segundo número do boletim na matéria sobre os desfiles do dia 28 de maio de 1938:

A Mocidade é só uma no seu generoso desejo de servir e na sua esperança dum Portugal maior pelo esforço e sacrifício de todos os seus filhos, mas rapazes e raparigas, têm lugares diferentes e naquela tarde de 28 de maio cada um estada no seu porto: os rapazes marchando [...] as raparigas nas sombras” (MPF, 06/1939, 6).

Estando numa organização hierarquizada e vertical, similar à concepção do Estado Salazarista, todas as atividades eram cronometradas e escolhidas pelas superiores hierárquicas e os cursos de formação de graduadas formavam a elite da Mocidade Portuguesa Feminina que iria replicar adiante os exemplos aprendidos nela, guiar as mais novas no seu caminho e, ao final, se tornar boas mulheres para a família portuguesa. Dessa maneira, um processo amplo de formação contínua, replicando mulheres conservadoras, com a intenção de formar uma similarmente a outra, emerge a nova mulher criada pela Mocidade Portuguesa Feminina, desde a mais tenra infância, até a idade adulta.

Mas esse processo não se dava apenas dentro dos centros, nos cursos, ele ocorria fora das portas da Mocidade Portuguesa Feminina, mas com horários cronometrados e atividades escolhidas. Adiante, veremos como o tempo livre e os corpos eram preocupações constantes dentro da Mocidade e como visto no boletim.

Portanto, notamos claramente aquilo que Michel Foucault afirma ser “métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade” (FOUCAULT, 1977, p. 126), cujo conjunto ele denomina de *disciplinas*. Mulheres disciplinadas, eis o que o Estado e a Igreja Católica esperavam das filiadas da Mocidade Portuguesa Feminina, representantes de um modelo a ser seguido pelas jovens não filiadas.

Dutante o período que esteve em circulação, o periódico *Mocidade Portuguesa Feminina: boletim mensal*, publicou um total de 96 exemplares. A sua edição chegou ao fim em abril de 1947, quando em maio desse mesmo ano, foi substituída pela revista *Menina e Moça*.

Considerações finais

Acreditamos que a cooptação dessas mulheres no campo da imprensa escrita, de certa forma, representou uma maior visibilidade de suas capacidades na normalização da sociedade, justamente em um espaço predominantemente reservado aos homens, no qual a presença feminina era discriminada e até mesmo negada. Mas que, por se enquadrarem ou estrategicamente se deixarem ser enquadradas, passaram a exercer um lugar de destaque na reprodução, propagação e defesa das ideologias propostas pelo Estado Novo, brasileiro e português.

Por fim, como ficou demonstrado nesse trabalho, o Estado e a Igreja Católica em Portugal, no contexto aqui analisado, construíram modelos de atuação para as mulheres e através dos seus dispositivos incentivaram o gestual e a performance delas. O periódico da *Mocidade Portuguesa Feminina* foi um verdadeiro dispositivo na construção de um tipo de mulher, dando a ela características desejáveis, docilizando seus corpos e dogmatizando suas mentes, mesmo que, paradoxalmente, dessem a elas espaços que antes não tinham.

Referências

AGAMBEM, Giorgio. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Chapecó, SC: Argos, 2009.

AIDOS, Maria Arminda Grilo. Curso de graduadas. *Mocidade Portuguesa Feminina: boletim mensal*. Lisboa, n. 12, p. 05-06, abr., 1940.

AVÉ Mãe celestial! Avé canta Portugal. *Mocidade Portuguesa Feminina: boletim mensal*. Lisboa, n. 1, p. 04, mai., 1939.

BARROS, Hilda R. N. d'Almeida Corrêa de. O que nós queremos que nossas raparigas sejam. *Mocidade Portuguesa Feminina*: boletim mensal. Lisboa, n. 25, p. 07-08, mai., 1941.

_____. O que nós queremos que nossas raparigas sejam. *Mocidade Portuguesa Feminina*: boletim mensal. Lisboa, n. 27, p. 07-08, jul., 1941, p. 07.

_____. O que nós queremos que nossas raparigas sejam. *Mocidade Portuguesa Feminina*: boletim mensal. Lisboa, n. 28, p. 05-06, ago., 1941.

_____. O que nós queremos que nossas raparigas sejam. *Mocidade Portuguesa Feminina*: boletim mensal. Lisboa, n. 30, p. 09-10, out., 1941.

_____. O que nós queremos que nossas raparigas sejam. *Mocidade Portuguesa Feminina*: boletim mensal. Lisboa, n. 29, p. 05-06, set., 1941.

_____. O que nós queremos que nossas raparigas sejam. *Mocidade Portuguesa Feminina*: boletim mensal. Lisboa, n. 31, p. 07-08, nov., 1941.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. Petrópolis: Vozes, 1977.

LEAL, Maria Joana Mendes. Falange Espanhola Feminina. *Mocidade Portuguesa Feminina*: boletim mensal. Lisboa, n. 3, p. 06, jul., 1939.

_____. Reabertura dos centros da M.P.F. *Mocidade Portuguesa Feminina*: boletim mensal. Lisboa, n. 30, p. 05, out., 1941.

_____. Recordando o passado. *Mocidade Portuguesa Feminina*: boletim mensal. Lisboa, n. 02, p. 07-08, jun., 1939.

_____. Cursos de graduadas. *Mocidade Portuguesa Feminina*: boletim mensal. Lisboa, n. 13, p. 06, mai., 1940.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 111-153.

LUISA, Maria. Na praia. *Mocidade Portuguesa Feminina*: boletim mensal. Lisboa, n. 27, 09-10, jul., 1941.

PACHECO, Carneiro. Ao começar. *Mocidade Portuguesa Feminina*: boletim mensal. Lisboa, n. 1, p. 02, mai., 1939.

PIMENTEL, Irene Flunser. *Mocidade Portuguesa Feminina*. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2007.

PORTUGAL. *Diário do Governo*. Ministério da Educação Nacional. Decreto n. 28.262. Lisboa, Imprensa Nacional de Lisboa, 08 dez. 1937. Disponível em: <<https://dre.pt/application/dir/pdf1sdip/1937/12/28500/13791383.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

UMA filiada do Centro n. 2 de Lisboa. Um centro da M.P.F. *Mocidade Portuguesa Feminina*: boletim mensal. Lisboa, n. 18, p. 03-04, out., 1940.

Recebido em março de 2019.

Aprovado em abril de 2019.